

papel artesanal: processos de criação e operadores poéticos



CAMPINAS

2023

beatriz massarelli

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE ARQUITETURA, ARTES E DESIGN
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

**PAPEL ARTESANAL: PROCESSOS DE CRIAÇÃO
E OPERADORES POÉTICOS**

BEATRIZ MASSARELLI

Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Faculdade de Artes Visuais da Escola de Arquitetura, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Agda Cristina Brigatto

CAMPINAS
2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE ARQUITETURA, ARTES E DESIGN
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
BEATRIZ MASSARELLI

**PAPEL ARTESANAL: PROCESSOS DE CRIAÇÃO
E OPERADORES POÉTICOS**

Trabalho de conclusão de curso defendido e
aprovado em 04 de dezembro de 2023 pela
comissão examinadora:

Prof.^a. Dr.^a. Agda Cristina Brigatto
Orientadora e presidente da comissão examinadora
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Prof.^a. Dr.^a. Luisa Angélica Paraguai Donati
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Prof.^a. Me. Maíra Freitas de Souza
Universidade Estadual de Campinas

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana A Bracchi CRB 8/10221
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

M382p	Massarelli, Beatriz
	Papel artesanal : processos de criação e operadores poéticos / Beatriz Massarelli. - Campinas: PUC-Campinas, 2023.
	111 f.: il.
	Orientador: Agda Cristina Brigatto.
	TCC (Licenciatura em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais , Escola de Arquitetura, Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023.
	Inclui bibliografia.
	1. Processos de criação . 2. Arte-educação. 3. Sensorealidade. I. Brigatto, Agda Cristina . II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Arquitetura, Artes e Design. Faculdade de Artes Visuais . III. Título.
	23. ed. CDD

CAMPINAS
2023

RESUMO

Esta pesquisa percorre os processos de criação de papel artesanal e os acasos que envolvem a sua produção. Enquanto uma materialidade específica, o papel demanda, do ser criador, que escolhas operacionais e estéticas sejam realizadas durante a experimentação. E, ao efetua-las, é possível que o sujeito descubra processos e produtos únicos, que estimulam seu olhar subjetivo e autoral. Através de Ostrower (2010), Rey (2002) e Read (2001), são conceitualizados os processos de criação e as operações poéticas que envolvem a produção de papel artesanal, a partir dos estudos de caso da produção da artista visual Carolina Guimarães (2020) e das experimentações que ocorreram na Oficina de papel reciclável, aplicada no Centro Interdisciplinar de Atenção à Pessoa com Deficiência (CIAPD), no ano de 2019. A pesquisa investiga, a partir desse arcabouço teórico e no viés de Pesquisa Viva (IRWIN, 2023), pautado na A/r/tografia, uma proposta em arte-educação da experimentação da materialidade específica do papel artesanal, que compreende e valoriza a construção de conhecimento através da experiência. A A/r/tografia como método, permite aplicar a proposta em sala de aula, analisar as produções e processos dos alunos e redirecionar as ações (educativas e de pesquisa) a partir da interlocução entre os papéis da artista, da educadora e, aqui, da pesquisadora em questão. A vivência com papel artesanal, aplicada em sala de aula de sexto ano de uma escola pública, localizada no município de Campinas, intenta valorizar a voz subjetiva dos alunos, estimular sua expressividade individual e o olhar para suas produções.

Palavras-chave: processos de criação, arte-educação, sensorialidade, materialidade.

ABSTRACT

This research covers the processes of creation of handmade paper and the randomness that involves its production. As a specific materiality, paper demands, from the creative being, that operational and aesthetic choices are made during their experimentation. And, by executing them, it is possible for the subject to discover unique processes and products that stimulate their subjective eye and authorial perspective. Through Ostrower (2010), Rey (2002) and Read (2001), the creation processes and poetic operations that involves the production of handmade paper are conceptualized, based on studie cases of the production of the visual artist Carolina Guimarães (2020) and the experiments that happened in the Recyclable paper workshop, applied at the Interdisciplinary Center for Attention to Persons with Disabilities (CIAPD) in 2019. Based on this theoretical framework and in the perspective of Live Research (IRWIN, 2023), oriented on A/r/tography, the research investigates a proposal in art education for the experimentation of the specific materiality of handmade paper, that comprehends and values the construction of knowledge through experience. A/r/tography as a method, allows applying the proposal in the classroom, analyzing students' productions and their processes, and redirecting the actions (educational and research) based on the interlocution between the roles of the artist, the educator and, here, of the researcher in question. The experience with handmade paper, applied in a sixth-year classroom of a public school, located in the city of Campinas, aims to value the subjective voice of students, stimulate their individual expressiveness and look at their productions.

Keywords: creation processes, art-education, sensoriality, materiality.

SUMÁRIO

Introdução	11
1. Processos	17
2. Sequência Didática	47
3. Operações Poéticas	65
Considerações Finais	105
Referências Bibliográficas	111

INTRODUÇÃO

Recordo-me de uma das minhas primeiras experimentações com papel artesanal, no ano de 2019. Explorava as possibilidades de tingimento das massas de papel a partir de recursos naturais diversos – cúrcuma em pó, colorau, café e suco de amora, por exemplo. Nesse papel, em específico, agreguei beterraba em lascas e suco de beterraba à massa base.

A princípio, o papel, oriundo desse processo, apresentou tonalidade e composição singulares: roxa, vibrante e saturada. Ao longo da secagem, o tom que o compunha se modificou progressivamente... de roxo, quase púrpura, passou a adentrar uma matiz marrom-acinzentada. Um belíssimo erro de principiante, que aglutinou beterraba à polpa de papel, sem cozimento prévio. O líquido, evidentemente, oxidou e modificou a composição da massa. Alí passei a compreender a mutabilidade inerente ao processo de criação de papel artesanal.

Minhas experimentações iniciais com papel surgiram no desejo de construção de um repertório técnico e exploratório acerca das infindas possibilidades que o papel artesanal oferta. Estas, em união às explorações realizadas por colegas arte-educadoras e pesquisadoras em arte, Beatriz Pinheiro e Letícia Soares, constituíram um repertório de técnicas e processos em criação de papel artesanal partilhado e aplicado por nós, em uma oficina de papel reciclável, ministrada em parceria ao Centro Interdisciplinar de Atenção à Pessoa com Deficiência (CIAPD)¹, no ano de 2019.

Durante a aplicação da oficina, e ao observar os resultados das experimentações dos participantes, notamos a singularidade dos procedimentos realizados. As escolhas de disposição das massas de colorações distintas nas composições e as operações de anexação de elementos – flores, folhas e sementes – às massas base, refletem as particularidades das execuções dos participantes.

¹ A iniciativa tem como missão contribuir com a inclusão social de pessoas com deficiência. Através do Projeto “Preparando Pessoas com Deficiência para a Inclusão no Mundo do Trabalho”, o órgão promove, desde 2015, oficinas socioeducativas que buscam desenvolver as habilidades cognitivas, motoras e sociais dos participantes, visando a inserção da pessoa com deficiência no mundo de trabalho, para além de sua formação em distintas áreas do conhecimento. Disponível em: <<https://www.puc-campinas.edu.br/ciapd/>>. Acesso em maio 2023.

Visto que, para constituir os resultados visuais obtidos, foram necessárias seleções prévias dos recursos utilizados, mesmo que inconscientes ou intuitivas, e feitas descobertas das possibilidades de aglutinação destes às composições.

Os procedimentos que pudemos observar, na oficina em questão, desvelam as múltiplas rotas que o ser criador encontra e pode percorrer durante sua produção. Expressam traços da sua subjetividade e enfatizam, por fim, a relevância e o impacto de suas escolhas nos processos de criação e nas obras findadas.

Carrego a experiência da aplicação dessa oficina e a possibilidade de partilhar e observar a singularidade das execuções dos participantes com muito apreço. A prática e a pesquisa em criação de papel artesanal retornam para mim, na Licenciatura em Artes Visuais, no intuito de transpor a experimentação da materialidade do papel para a sala de aula, agora enquanto regente de uma sequência didática.

Percorri, nesta pesquisa, o processo de criação de papel artesanal e os acasos que o envolvem (OSTROWER, 1990; 2010), através dos estudos de caso do trabalho da artista visual Carolina Guimarães e das produções desenvolvidas na Oficina de papel reciclável, aplicada no CIAPD. Busquei compreender a singularidade dos procedimentos operatórios (REY, 2002) realizados nas criações, aqui abordadas e as escolhas estéticas (READ, 2001) tomadas por esses indivíduos em suas explorações.

A partir da fundamentação teórica e dos estudos de caso que norteiam essa pesquisa, propus, em sala de aula, a experimentação da materialidade específica do papel artesanal aos estudantes de sexto ano da rede pública de ensino, como parte do Programa de Residência Pedagógica².

Inserida no contexto da pesquisa em arte, a partir da abordagem da A/r/tografia (IRWIN, 2023), a metodologia perpassa a pesquisa e o viés educacional propostos, na medida em que considera que os processos de pesquisa/pedagógicos são vivos e mutáveis e,

² O Programa de Residência Pedagógica (PRP) é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cuja finalidade é fomentar projetos institucionais de residência pedagógica implementados por Instituições de Ensino Superior (IES) no Ensino Básico. O PRP busca, através da interdisciplinaridade e das experiências em sala de aula, contribuir no aperfeiçoamento da formação de professores da Educação Básica nos cursos de Licenciatura. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>>. Acesso em novembro 2023.

também, que o conhecimento estruturado pela prática é tão importante quanto o originado do estudo teórico. Esse pressuposto se aplica a essa pesquisa, assim como, ao conhecimento construído com os alunos em ateliê. A vivência ofertada na escola buscou proporcionar o encontro dos alunos com a materialidade específica do papel artesanal e, através das experimentações, estimulou a busca por suas vozes subjetivas, tanto pela criação, como pela reflexão acerca de suas produções pessoais e das produções dos colegas de sala.

Estudei aqui, os processos vivenciados pelos estudantes e os resultados de suas experimentações à luz dos conceitos que compreendem o processo de criação artística, em pauta nesta pesquisa. Considerando as três dimensões que envolvem o processo de instauração (REY, 2002) – processamento de ideias, execução prática e a criação como produto final, em contato com o espectador –, discorri acerca da forma em que os estudantes percorreram a materialidade tátil-sensorial da massa de papel por meio da manipulação da polpa, da técnica de transferência, a aglutinação de elementos em suas composições e a expressão de sua subjetividade nas criações.

A pesquisa permitiu que os alunos se utilizassem, primeiramente, de sua intuição e do ato de brincar (BARBIERI, 2011) para experimentar este material e estimular sua expressividade individual. Em um exercício coletivo de roda de conversa, que envolveu uma experiência tátil sensorial, uma visão crítica foi promovida aos alunos, os incentivando a olhar para o que eles e os colegas criaram. Através da análise e de reflexões sobre o processo de criação das produções, realizada por intermédio de perguntas norteadoras, propicia-se, neste exercício de fala e escuta, que os estudantes validem suas potencialidades expressivas e suas vozes subjetivas.

Analisei, a partir do viés de Pesquisa Viva (IRWIN, 2023) da metodologia de pesquisa a/r/tográfica, a construção de conhecimento fomentada através das experimentações, dos acasos e das percepções dos estudantes acerca dos processos de criação de

papel ali vivenciados. Essa pesquisa buscou compreender e valorizar, por fim, a partir do meu olhar, enquanto artista/pesquisadora/professora, a singularidade dos processos e das escolhas tomadas pelas crianças e pelas artistas e de qual maneira suas percepções, acerca da vivência que experienciaram, implicam afetações no olhar para suas próprias produções.



processos

1. PROCESSOS

O ato criador, a premissa de se dar forma, ordenação e significação a uma ideia abstrata, encontra-se incutido na vivência humana como uma *necessidade existencial* integrada ao desenvolvimento dos indivíduos (OSTROWER, 2010, p. 10, grifo do autor). Na medida em que estimulam o pensamento crítico e reflexivo, a produção e a apreciação em arte, revelam-se de extrema importância no processo educacional e na formação dos indivíduos, pois estas afloram as sensibilidades humanas e o potencial comunicativo³.

Tratando-se de experimentações compostas por procedimentos muito distintos, as criações em arte desvelam, em suas singularidades, a importância das escolhas e da intencionalidade no processo de engendramento das obras de arte: a sua instauração (REY, 2002). Rey (2002, p. 26) identifica instauração como “a obra em processo de formação”, subdivida em três dimensões: a primeira processa-se no nível do pensamento e das anotações, concebendo a formação de ideias; a segunda preenche a dimensão prática, na qual os procedimentos e as operações técnicas são executados pelo artista nas materialidades; e a terceira dimensão, por fim, trata-se da formação de conceitos e da obra como produto final, em contato com o espectador, além de localizá-la em seu devido contexto histórico-cultural.

Sucedidos no âmbito da intuição, os processos de criação, que preenchem a dimensão prática da instauração (REY, 2002), são constituídos por critérios estéticos e práticos estabelecidos pelo indivíduo. Estes, guiam as operações mecânicas a serem executadas na ação artística - no caso desta pesquisa, a forma de manipulação da massa base de papel artesanal, por exemplo - e definem as escolhas materiais e estruturas de composição da peça criada, como a paleta de cores, a textura do papel e os elementos agregados.

³ Entende-se aqui, comunicação como expressão por outras vias que não apenas a oral e a escrita, mas que podem ocorrer, também, por meio dos códigos das diferentes linguagens artísticas.



Figura 1: Registro processual de produção de massa de papel para aplicação de oficina de papel artesanal no Centro Interdisciplinar de Atenção à Pessoa com Deficiência - CIAPD. Massarelli, Beatriz. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2019.

A produção de papel reciclado artesanal é constituída por etapas intrínsecas: inicialmente, são coletados os materiais a serem reciclados - papéis previamente utilizados e dispostos para descarte, páginas de revista, jornais, etc - e estes são fragmentados em pequenas porções e imersos em recipientes com água por uma semana. Em sequência, após o período de imersão, etapa essencial para que as fibras dos papéis se desestruem, os fragmentos e a água são batidos em um liquidificador, para que os então vestígios de páginas se transfigurem em uma massa única (Figura 1). Após este processo, por fim, a massa é transferida para os bastidores, dispositivos compostos por estruturas de madeira envoltas em telas de tecido, que abrigam a base de papel durante sua secagem (Figura 2).



Figura 2: Registro de bastidores para aplicação de papel. Carolina Guimarães. 2019.
Fonte: Disponível em: <<https://nilaacor.wixsite.com/processossensoriais/processo-artesanal>>. Acesso em maio 2023.

Na produção da artista visual Carolina Guimarães, o processo artesanal de papel percorre jornadas múltiplas, nas quais as escolhas técnicas de transposição da massa base aos bastidores se adequam às especificidades dos materiais a serem agregados à composição e a gramatura de papel almejada. As duas técnicas que a artista percorre são: a pescagem e a transferência. Em seu vídeo-processo “Pescando papel” (2020) (Figura 3), Guimarães utiliza um largo recipiente e o preenche parcialmente com a massa base de papel, em uma constituição mais líquida. Seu procedimento consiste em mergulhar o bastidor dentro da estrutura, a permitir que a água transcorra pela tela progressivamente, de modo a captar apenas a massa de papel na rede de tecido (Figura 3).

Rey (2002) aponta que, ao realizar determinados “procedimentos técnicos para materializar conceitos (o quê), o artista o faz à sua maneira (como), manifestando sua subjetividade ao equacionar e operacionalizar sua produção” (IBIDEM, p. 131). Nesse sentido, revela-se que a dimensão prática, segunda dimensão da esfera da instauração, é guiada pelos procedimentos operatórios (REY, 2002) do executor, e estes envolvem as especificidades inerentes à obra de arte e sua conceituação.

Então, sob o prisma da obra em processo, a produção de sentido configura-se nas operações realizadas durante a sua instauração. As operações não são apenas procedimentos técnicos, são operações do espírito, entendido, aqui, num sentido amplo: viabilização de idéias, concretizações do pensamento. Cada procedimento instaurador da obra implica a operacionalização de um conceito. Por isso, os nomeamos conceitos operatórios. (REY, 2002, p. 130)



Figura 3: Registro de Pescando Papel. Carolina Guimarães. Vídeo documental. *Frame* 00:23 de 00:24. 2020. Fonte: Disponível em: <<https://nilaacor.wixsite.com/processossensoriais/processo-artesanal>>. Acesso em maio 2023.

Em Fragmentos (2020) (Figura 4), Guimarães registra o momento em que bate a massa de papel no liquidificador e exibe particularidades intrínsecas ao seu processo de criação. A artista percorre o derramamento da base nos bastidores, a aglutinação de elementos em suas composições - folhas e sementes - e o processo de colorismo da massa com o uso de pigmento xadrez. Para a técnica de transferência, a massa de papel é entornada sobre o bastidor e o líquido da mistura transpõe a tela, escoando pelo chão (Figura 5). De constituição mais espessa que a massa utilizada na pescagem, essa base de papel é menos trabalhada no liquidificador, execução que permite evidenciar a integração de múltiplas partículas na mesma. Quando secas, elas revelam texturas e marcas específicas na composição.

Enquanto a técnica de pescagem permite a criação de papéis de gramaturas mais finas e menos texturizados, a técnica de transferência consiste na produção de papéis robustos, cujos relevos acentuados possibilitam ao executor a ampliação das experimentações estéticas e composicionais. Em sua pesquisa, Guimarães desenvolveu uma série de experimentações intitulada Naturais (2020) (Figura 6, Figura 7, Figura 8 e Figura 9), composta por quatro obras que percorrem a união do papel artesanal a elementos naturais secos através da transferência.

Quando vou reciclar o papel, separo tudo que é essencial e os possíveis materiais para a mistura. Coloco tudo no chão à minha volta e observo. Nesse momento eu estou presente no processo, me envolvendo com vários sentidos, percebendo a massa e a água nas minhas mãos, o cheiro dos materiais, observando o que me chama atenção. Assim é o meu processo sensorial. (Carolina Guimarães In Processo Artesanal, s.d.)



Figura 4: Registro de Fragmentos. Carolina Guimarães. Vídeo documental. *Frame* 00:10 de 1:00. 2020. Fonte: Disponível em: <<https://nilaacor.wixsite.com/processossensoriais/processo-artesanal>>. Acesso em maio 2023.



Figura 5: Registro de Fragmentos: transferência de papel para bastidor. Carolina Guimarães. Vídeo documental. *Frame* 00:29 de 1:00. 2020. Fonte: Disponível em: <<https://nilaacor.wixsite.com/processossensoriais/processo-artesanal>>. Acesso em maio 2023.



Figura 6: Sem título. Carolina Guimarães. Papel reciclado, açafrão e sementes da árvore pata de vaca. 17x15cm. 2020. Fonte: Disponível em: <<https://nilaacor.wixsite.com/processossensoriais/texturas-e-relevos>>. Acesso em maio 2023.



Figura 7: Sem título. Carolina Guimarães. Papel reciclado, pigmento xadrez e galho de pinheiro. 19x13cm. 2020. Fonte: Disponível em: <<https://nilaacor.wixsite.com/processossensoriais/texturas-e-relevos>>. Acesso em maio 2023.



Figura 8: Sem título. Carolina Guimarães. Papel reciclado, pigmento xadrez e flor de hibisco. 17x16cm. 2020. Fonte: Disponível em: <<https://nilaacor.wixsite.com/processossensoriais/texturas-e-relevos>>. Acesso em maio 2023.



Figura 9: Sem título. Carolina Guimarães. Papel reciclado, pigmento xadrez e folhas secas. 17x17cm. 2020. Fonte: Disponível em: <<https://nilaacor.wixsite.com/processossensoriais/texturas-e-relevos>>. Acesso em maio 2023.

A pesquisa de Guimarães perpassa as particularidades intrínsecas ao papel, seus recursos específicos e possibilidades composicionais, trabalho esse que exige para além da sensibilidade, pesquisa teórica, exploratória e procedimental. Esses fundamentos permitem que, seu conhecimento, construído ao longo das experimentações, em encontro às casualidades que emergem na criação de papel, constituam um processo sensorial que assume caráter fluido, vivo e mutável.

Guiada pela intuição e por sua sensibilidade, Carolina explora na série, anteriormente referenciada, as possibilidades de aglutinação de elementos em suas produções. O acervo de folhas, flores e sementes criado, se constituiu em caminhadas rotineiras pela cidade de Campinas, no estado de São Paulo (Figura 10). A coleta e seleção destes elementos se sucede na união do conhecimento prévio da artista - engendrado em suas experimentações - aos acasos (OSTROWER, 1990) da observação da flora que a entornava durante suas explorações e de quais recursos apresentavam-se disponíveis nesses contextos.

Para além do uso de elementos, Guimarães busca nas especiarias (Figura 6) e no pigmento xadrez (Figura 7, Figura 8 e Figura 9) a tonificação e o rastro aromático no papel. Embasada na técnica de transferência, a artista transpôs nos bastidores as massas em cores distintas e, fundiu, junto a elas, as folhagens e sementes diversas para a criação das obras. As composições, após secagem, revelam visualmente os rastros da união da massa de papel aos recursos agregados: a textura intrínseca da materialidade do papel e a forma como ela se sobrepõe as folhagens (Figura 7 e Figura 9) e as singularidades dos elementos anexos - aroma, forma, estrutura - firmam-se como recursos poéticos que compõem a série (2020).



Figura 10: Material coletado para experimentação. Carolina Guimarães. Fotografia documental. 2020. Fonte: Disponível em: <<https://nilaacor.wixsite.com/processossensoriais/processo-artesanal>>. Acesso em maio 2023.

Nesse sentido, a experimentação, nas operações práticas de papel artesanal, demonstra grande articulação ao âmbito da intuição e das escolhas estéticas que marcam a cadeia de ações procedimentais (REY, 2002). Ou seja, a intuição e a sensibilidade, somados aos conhecimentos procedimentais da artista, culminam em escolhas estéticas específicas que guiam o resultado (forma) e, portanto, guiam também a simbologia (mensagem) de suas obras.

Read (2001) compreende que a produção artística é composta por dois princípios significativos: a forma e a criação. Enquanto a forma atrela-se à dimensionalidade da obra de arte, a criação germina na imaginação. E, esta permite o engendrar das ideias que guiarão o processo de instauração, já aqui referenciado ao trazer Rey (2002). Em outras palavras, na medida em que, durante a execução, o produtor encontra-se face a trajetórias múltiplas, que podem gerar resultados distintos nas etapas de sua produção e no produto final a ser concebido, cabe ao criador, encontrar as soluções estéticas que contemplem a sua intenção.

Daí podemos falar da 'intencionalidade' da ação humana. Mais do que um simples ato proposital, o ato intencional pressupõe existir uma mobilização interior, não necessariamente consciente, que é orientada para determinada finalidade antes mesmo de existir a situação concreta para a qual a ação seja solicitada. É uma mobilização latente seletiva. Assim, circunstâncias em tudo hipotéticas podem repentinamente ser percebidas interligando-se na imaginação e propondo a solução para um problema concebido. Representariam modos de ação mental a dirigir o agir físico. (OSTROWER, 2010, p. 10)

No caso do artista, mesmo que as intenções não sejam totalmente conscientes, elas guiam suas escolhas e a mensagem transpassada em sua obra final. Já no caso da criança, esse processo estabelece maior conexão com os mecanismos da sensorialidade e da intuição, vinculados ao desenvolvimento do seu brincar.

Assim como afirma Barbieri (2011), o artista também brinca: ele executa operações sem uma funcionalidade imediata, experimenta. Na criança, essa intencionalidade pode ser inconsciente ou nem existir: ela brinca, sente e toca, simplesmente por desejo e necessidade. Firmando-se, então, como processos intuitivos, os processos de criação estabelecem conexão íntima com os desdobramentos das experiências humanas, cuja potência mobilizadora instiga os indivíduos a experienciarem novos acontecimentos.

Os artistas e as crianças fazem muito esforço para concretizar obras que são pura realização: colocar burros ou urubus dentro de uma instituição, inventar situações que, para qualquer pessoa, poderiam ser descabidas... Crianças carregam areia de um lado para o outro, se esforçam para fazer uma montanha, simplesmente porque desejam. Isso é o que mais me interessa no universo das crianças e dos artistas: acreditar em ideias, em intuições, em imagens, em mobilizações internas – sem sentido aparente, mas com grande potência mobilizadora (BARBIERI, 2011, p. 22)

As mobilizações internas, aqui apontadas por Barbieri (2011) e por Ostrower (2010) estabelecem conexão direta com a sensibilidade do indivíduo: estão vinculadas ao que o cerca e lhe afeta intrinsecamente. Aquilo que, por alguma razão, atiga a percepção, lhe instiga a operacionalizar ações e a escolher caminhos durante a produção. Ao enfatizar a maneira em que os processos de criação se interligam intimamente com o nosso ser sensível, Ostrower (2010) articula que:

Baseada numa disposição elementar, num permanente estado de excitabilidade sensorial, a sensibilidade é uma porta de entrada das sensações. Representa uma abertura constante ao mundo e nos liga de modo imediato ao acontecer em torno de nós. [...] Uma grande parte da sensibilidade, a maior parte talvez, incluindo as sensações internas, permanece vinculada ao inconsciente.

A ela pertencem as reações involuntárias do nosso organismo, bem como todas as formas de auto-regulação. Uma outra parte, porém, também participando do sensorio, chega no consciente. Ela chega de modo articulado, isto é, chega em formas organizadas. É a nossa percepção. Abrange o ser intelectual, pois a percepção é a elaboração mental das sensações. (OSTROWER, p. 12, grifo do autor).

A percepção, a intuição, a intencionalidade, a sensibilidade do ser criador e sua experimentação da materialidade configuram, em união, as faces do processo de criação. E o conjunto destes fatores permite que, através da imaginação e das execuções práticas, seja materializado o propósito específico do ser criador. Na série Naturais (2020), Guimarães perpassa esses componentes através de suas ações procedimentais (REY, 2002) e constitui seu processo de criação específico.

Nas investigações que desenvolvo com papel artesanal e no ato de transpor esse conteúdo e as etapas que envolvem sua produção em oficinas de experimentação em arte, pude acompanhar execuções curiosamente singulares dos participantes. No ano de 2019 tive a oportunidade de desenvolver coletivamente, junto à colegas de profissão, arte-educadoras e pesquisadoras em arte Beatriz Pinheiro e Leticia Soares, uma oficina em parceria ao Centro Interdisciplinar de Atenção à Pessoa com Deficiência (CIAPD), intitulada Oficina de papel reciclável.

Nossa proposta de aplicação com os participantes da oficina, dividida em três encontros, perpassou os procedimentos de criação de papel artesanal por completude: da picagem e imersão dos papéis em água à sua transferência aos bastidores. Dada as especificidades do espaço de aplicação e os recursos disponíveis no ambiente, desenvolvemos uma massa base de estrutura robusta e menos caudalosa, cuja configuração pastosa permite a intensificação das manipulações táteis (Figura 11 e Figura 12). Para além disso, pela menor retenção de líquido nos bastidores, a tendência de secagem dessa massa decorre em um período de tempo resumido.



Figura 11: Registro de participante pressionando massa de papel azul em bastidor durante a oficina de papel reciclado. Massarelli, Beatriz. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2019.



Figura 12: Registro de participante pressionando massa de papel verde em bastidor durante a oficina de papel reciclado. Massarelli, Beatriz. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2019.

Com a materialidade elaborada, orientamos a produção a partir da técnica de transposição do papel aos bastidores (Figura 11 e Figura 12). Enquanto o procedimento de Guimarães perpassa o derramamento da massa sobre a tela (Figura 5), aqui exploramos a transferência manual, na qual a base de papel é aglutinada em porções (Figura 12). Esse tipo de transferência permite maior controle do operador sobre a massa, na medida em que, a união da técnica a configuração consistente do material, possibilita que a distribuição da massa sobre a tela seja feita gradualmente. E essa ação mecânica, por consequência, amplifica a complexidade das operações (Figura 13).



Figura 13: Registro de papeis artesanais desenvolvidos em Oficina de Papel Artesanal dispostos para secagem. Massarelli, Beatriz. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2019.

Na oficina exploramos papéis em tonalizações distintas, cujo tingimento surgiu na aglutinação de papéis coloridos a massa base durante sua trituração no liquidificador – para a criação das cores azul, verde e rosa – e especiarias, como cúrcuma e colorau – para os papéis amarelo e laranja. Elementos naturais, como folhas, flores e sementes também foram utilizados, assim como o uso cru das especiarias enquanto recursos de composição (Figura 14 e Figura 15).

Os componentes ofertados, em união, ampliaram os caminhos possíveis a se trilhar na experiência proposta, visto que, as características intrínsecas dos materiais – cor, aroma, textura e consistência – fornecem resultados visuais, táteis e sensoriais distintos, que implicam significativamente nas escolhas estéticas aqui reveladas nas composições (Figura 13). Ao definir escolhas estéticas, Read (2001) aponta:

[...] descobrimos dois elementos presentes em toda a obra de arte plástica: a *forma*, que atrelamos à operação das leis universais da natureza, e a *cor*, que é a propriedade superficial de todas as formas concretas, servindo para enfatizar a natureza física e a textura dessas formas. [...] A composição é a soma total dessas propriedades secundárias, inclusive a cor, e o objetivo da *composição* é organizar todos os elementos físicos que transformam a obra de arte em um padrão coerente, que agradam aos sentidos. (READ, 2001, p. 26, grifo do autor).

Ao analisar uma das experimentações desenvolvidas pelos participantes, na oficina de papel reciclável (Figura 15), as escolhas estéticas que a compõem são evidenciadas: o papel, constituído por massa rosa, azul e colorau em pó, foi criado através de anexações sequenciais das massas, que permitem a mesclagem das cores em toda a sua extensão. O pigmento cru se sobressai em pequenas aglomerações que, com o papel seco, atribuem relevo,



Figura 14: Registro de papel artesanal rosa com cúrcuma em pó desenvolvido em Oficina de Papel Artesanal. Massarelli, Beatriz. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2019.



Figura 15: Registro de papel artesanal rosa e azul com colorau em pó desenvolvido em Oficina de Papel Artesanal. Massarelli, Beatriz. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2019.

textura árida e aroma floral à composição. Se outras escolhas de disposição das massas fossem realizadas, ou outro pigmento fosse agregado, um novo resultado estético seria gerado na obra.

Dessa forma, a materialidade específica do papel artesanal, a técnica de transferência e os procedimentos operatórios (REY, 2002) de manipulação da massa e aglutinação de elementos, permitem alcançar os resultados estéticos específicos que são particulares a este material e a intencionalidade (OSTROWER, 2010) do ser criador. Assim como observado nas proposições poéticas de Guimarães (Figura 6, Figura 7, Figura 8 e Figura 9), quando seco, o papel adquire uma textura singular, composta por relevos sinuosos que se mesclam em forma e em cor aos elementos agregados. Ao tratar sobre materialidade, Ostrower (2010) revela que:

Cada materialidade abrange, de início, certas possibilidades de ação e outras tantas impossibilidades. Se as vemos como limitadoras para o curso criador, devem ser reconhecidas também como orientadoras, pois dentro das delimitações, através delas, é que surgem sugestões para se prosseguir um trabalho mesmo para se ampliá-lo em direções novas. De fato, só na medida em que o homem admita e respeite os determinantes da matéria com que lida como essência de um ser, poderá o seu espírito criar asas e levantar vôo, indagar o desconhecido (OSTROWER, 2010, p. 32, grifo do autor)

O papel artesanal manifesta, em suas determinantes, acasos visuais - como texturas, relevos e estrutura formal - que viabilizam a expressão da sensibilidade (OSTROWER, 2010) e das potencialidades expressivas do ser criador. Para além de materialidade tátil-sensorial, o papel configura resultados poéticos singulares (Figura 13).

O que aqui chamamos de 'pensar específico sobre um fazer concreto' vai além da ideia de uma tarefa a ser executada pelo exequível. Os pensamentos e as conjecturas abrangem eventuais significados. Trata-se de *formas significativas* em vários planos, tanto ao evidenciarem viabilidades novas da matéria em questão, quanto pelo que as viabilidades contêm de expressivo, e, ainda, porque através da matéria assim configurada o conteúdo expressivo se torna passível de comunicação (OSTROWER, 2010, p. 33, grifo do autor)

Os conceitos de processo de criação, aqui apresentados, revelam que o papel artesanal trata-se de uma materialidade cuja especificidade norteia, na exploração prática, os conceitos e operações mecânicas que envolvem a experimentação da massa de papel – escolhas estéticas, intuição, percepção, intencionalidade e sensorialidade. Instigar a experimentação desse material oferta, aos criadores, experienciar processos que ampliam suas vivências e que podem estimular seus olhares subjetivos e expressividades.

Esta pesquisa partiu das especificidades inerentes ao papel artesanal – materialidade, possibilidades exploratórias e expressivas – e dos processos que envolvem a sua criação, para inserir a experimentação prática com papel nas aulas de artes de uma escola municipal, situada em Campinas. A sequência didática, apresentada no Capítulo 2, conduziu a investigação em sala de aula e me permitiu observar e refletir acerca dos singulares processos de elaboração dos alunos. O olhar direcionado às experimentações gerou análises das experiências vividas com os estudantes, apresentadas no Capítulo 3 desta pesquisa. À luz dos conceitos de processo de criação, aqui abordados, investiguei, a partir da experiência, o impacto do processo nesses indivíduos e em mim, enquanto professora em formação, buscando compreender os frutos da experimentação dessa materialidade no ambiente escolar.

sequência didática

2. SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Ao adentrar o ambiente escolar, através da prática de estágio na Licenciatura em Artes Visuais, passei por um procedimento de reinserção na vivência escolar. Partindo de um viés muito distante do que me perpassava há sete anos, quando me graduei no Ensino Médio, retorno a este espaço de aprendizagem no anseio pela experiência. Retorno com o desejo de observar e vivenciar as particularidades do ambiente escolar. Retorno porque valorizo o estudo, a educação de qualidade, a troca de conhecimento e experiências significativas em arte-educação na formação dos estudantes.

Através do Programa de Residência Pedagógica (PRP), Subprojeto Artes Visuais, Educação Física, Matemática e Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, pude desenvolver conexões com os discentes de sextos e nonos anos, algumas de nossas turmas de acompanhamento, ao longo do primeiro semestre letivo de 2023. A inserção do PRP na escola permite que nós, professores em formação, assumamos uma atuação presente dentro e fora da sala de aula por meio do desenvolvimento e aplicação de projetos que buscam estimular essas distintas áreas do conhecimento, imprescindíveis à formação desses indivíduos, através de propostas disciplinares e interdisciplinares.

Nessa pesquisa, uni minhas investigações práticas e teóricas com o papel artesanal à proposta em arte-educação. Ao compreender a importância de se passar por experiências em arte na escola que valorizam a experimentação, a sensibilidade, a intuição, o uso de materiais distintos e a processualidade no ato criador, desejei observar e investigar os processos de criação dos estudantes a partir da materialidade específica do papel artesanal em uma proposta de exploração prática em sala de aula.

Para que o material fosse usufruído de maneira frutífera, revelou-se essencial uma apreciação prévia de obras que percorrem o papel artesanal enquanto recurso poético. A fim de ampliar o repertório imagético dos estudantes, assim como, partilhar possibilidades técnicas de abordagem desse material, a sequência didática, partilhada neste capítulo, previu a apresentação das produções de Carolina Guimarães e das experimentações realizadas na oficina de papel reciclável, aplicada no CIAPD, em uma discussão coletiva.

A partir do referencial teórico e poético aqui apresentado, que converge conceituações que tratam sobre as particularidades dos processos de criação em arte aos estudos de caso da artista referência Carolina Guimarães e as experiências que ocorreram na oficina de aplicação em parceria ao CIAPD, no ano de 2019, investiguei os processos e as operações poéticas dos alunos explorados na vivência na sala de artes. Minha experiência com produção de papel me ofertou maior proximidade na descrição e na observação dos processos realizados pelos estudantes, assim como ao orientá-los na experiência de ateliê, ao apresentá-los aos referenciais imagéticos e ao propor a experimentação tátil na roda de conversa.

Neste capítulo é apresentada a sequência didática incutida nesta pesquisa, que propôs a criação e a experimentação de papel artesanal na escola, durante minha atuação na Residência Pedagógica e ao executar regência em sala de aula referente à disciplina de Estágio Supervisionado de Ensino em Artes Visuais II. São aqui transcorridos os objetivos específicos, a justificativa, a metodologia, as competências desenvolvidas pelos alunos, as estratégias de avaliação e os recursos que constituem a proposta de aplicação, de sua elaboração, à sua concretização em sala de aula.

2.1 Objetivos da sequência didática

Esta sequência didática objetivou propor aos estudantes de sexto ano a criação de proposições poéticas a partir da experimentação do papel artesanal. A investigação pretendeu estimular a aproximação entre este produto e seus próprios criadores, tornando-os imersos em uma experiência que pode lhes proporcionar a ampliação do seu repertório imagético e técnico, assim como o possível encontro com sua voz subjetiva, através da exploração intuitiva da materialidade específica do papel.

Tratando-se de uma produção criativa, cujo processo de criação tange o fazer artístico ao percorrer técnica (manipulação), poética (expressividade individual) e materialidade (massa de papel) (REY, 2002), a noção de composição com ênfase na escolha de cada aluno foi estimulada na experiência prática. Operada mediante a oferta de materiais em constituições distintas, a proposta dispôs massas de papel em colorações múltiplas – branca, azul, amarela, vermelha, rosa, roxa e verde – e elementos naturais diversos – flores, folhas e sementes. A oferta de recursos, disponibilizada em variedade, estimula a tomada de escolhas estéticas (READ, 2001) – através de operações de aglutinação e organização da composição – e, por consequência, os acasos que envolvem os processos de criação dos estudantes, dadas suas determinantes procedimentais, assim como apresentado por Ostrower (1990).

Através de uma discussão coletiva, compreendida na apreciação visual da produção de Guimarães e das explorações desenvolvidas na oficina de papel reciclável no CIAPD, anteriormente descritas no Capítulo 1, intitulado “Processos”, objetivou-se ampliar o repertório artístico dos discentes quanto às possibilidades exploratórias propiciadas pela materialidade do papel artesanal. Com este exercício de observação e partilha coletiva, a sequência didática pretendeu apresentar aos alunos uma série de referências e possibilidades técnicas

a serem percorridas durante suas experimentações práticas com o papel artesanal.

A partir da experiência prática, objetivei, nesta pesquisa, investigar os aspectos que concernem tanto o desenvolvimento quanto a instauração das elaborações dos alunos, a partir dos conceitos que envolvem o processo de criação – percepção, intuição, intencionalidade, sensibilidade, escolhas estéticas e materialidade. A atividade surgiu do esforço em promover uma visão crítica aos alunos, que seja capaz de analisar a própria produção e assim validar as potencialidades expressivas de suas subjetividades. Assim como, no momento de socialização dos objetos produzidos, compreender as motivações poéticas dos colegas de turma, valorizando-os como criadores.

2.2 Justificativa

O estímulo à proximidade do papel artesanal e seus criadores são cruciais na medida em que Rey (2002) afirma que o fazer artístico é uma cadeia de ações indissociáveis entre técnica (como a manipulação dos elementos), materialidade (papel artesanal) e conceitualização (expressão poética de cada aluno), possibilitando que os estudantes estejam inseridos em toda a complexa rede de relações na qual se dá o gesto criador (OSTROWER, 2010). O incentivo à expressividade individual do aluno, através da experimentação do papel artesanal como um produto de cunho poético, surge em uma proposta em arte-educação que valoriza o processo de criação e uso de uma materialidade tátil específica: a massa de papel.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) ressalta a importância dos educadores desenvolverem em sala de aula habilidades que exploram linguagens e materiais diversos e a capacidade expressiva na escola, visto que, em via das questões históricas, econômicas e sociais que envolvem o ensino da arte

no Brasil, fora fundamentado um aprendizado em arte baseado no desenho e na cópia, muitas vezes, subjugado à outras áreas do conhecimento (BARBOSA, 2019). Diante desse cenário, defendo nesta pesquisa a exploração do papel artesanal enquanto uma materialidade que permite introduzir na sala de aula a experimentação sensorial e a exteriorização das possibilidades expressivas por meio da exploração desse material. Assim como, proporcionar reflexões acerca da importância do processo na produção artística e a criação de proposições poéticas singulares a partir da subjetividade dos estudantes.

Partindo dos objetos de conhecimento, a BNCC (BRASIL, 2018, p. 207) ressalta a importância de se trabalhar as materialidades e os processos de criação em sala de aula a partir das habilidades:

(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).

(EF69AR06) Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais. (BRASIL, 2018, p. 207).

Através da investigação da materialidade, pretendi que os alunos do sexto ano do Fundamental II percorressem uma experiência tátil e exploratória, que considera os acasos da criação artística como forma de desafio e replanejamento do processo. Lidar com o inesperado, recriar e observar as múltiplas possibilidades composicionais que resultam das casualidades procedimentais encontram-se incutidos na proposta de aplicação. Busquei desenvolver as competências, aqui citadas, na instauração (REY, 2002) vivenciada com os estudantes.

A partir da exibição dos trabalhos da artista visual Carolina Guimarães e dos registros da Oficina de papel reciclável aplicada

no CIAPD, através da aula inicial de apreciação imagética, essa sequência didática teve como objetivo estimular a percepção dos alunos para o uso da materialidade específica do papel artesanal e ampliar a compreensão acerca do uso de recursos cotidianos como componentes artísticos. As produções selecionadas como material referencial expositivo percorrem a aglutinação de elementos naturais, como sementes, folhas e flores prensados a massa tingida do papel (Figura 6, Figura 7, Figura 8, Figura 9, e Figura 13).

A aula expositiva previu levantar questionamentos aos alunos acerca das composições desenvolvidas por Guimarães e pelos participantes da Oficina de papel reciclável, disparadores da atividade, para aflorar a apreciação visual. Essa pesquisa defende e compreende a importância da ampliação do repertório artístico, técnico e visual no processo de formação dos alunos e para a experimentação prática, aqui proposta, a apresentação de referências se fez ainda mais intrínseca, pois permitiu evidenciar as multiplicidades estéticas que o papel artesanal pode percorrer.

Para que investigássemos coletivamente, em sala de aula, as proposições poéticas e o ato exploratório mecânico presente nas técnicas dos artistas referenciados, foram exibidos vídeos-processo partilhados por Carolina Guimarães (Figura 3 e Figura 4), registros fotográficos de acervo pessoal da oficina de papel aplicada no CIAPD (Figura 11, Figura 12, Figura 13, Figura 14 e Figura 15) e um vídeo-processo meu, que exemplifica a aglutinação da massa de papel ao bastidor a partir da técnica de transferência (Figura 16). Ao perpassar técnica, composição e estética, esses materiais referenciais, em união, nortearam as possibilidades exploratórias desenvolvidas pelos alunos na proposta prática.

A construção de uma bagagem referencial almejava a ampliação das percepções dos estudantes quanto ao uso da materialidade do papel artesanal por meio dos referenciais



Figura 16: Registro do processo de aglutinação da massa de papel ao bastidor. Massarelli, Beatriz. Vídeo documental. Frame 00:29 de 00:51. Fonte: Acervo pessoal. 2023.

apresentados e discutidos coletivamente. E que, essa bagagem estimulasse os alunos a produzirem e comporem suas obras intuitivamente (BARBIERI, 2011), especificidades intrínsecas ao ato criador proposto nesta sequência didática. Para além disso, os discentes puderam estabelecer maior aproximação com o fazer artístico e com os procedimentos operatórios envolvidos nesta prática, o que permite amplificar a potencialidade de suas experimentações.

2.3 Proposta e metodologia

Em um primeiro momento, na sala de aula, me reuni com os alunos para enunciar a experiência a ser vivenciada. Na primeira aula, realizamos a apreciação visual de obras com papel artesanal para a ampliação do repertório artístico dos discentes. O material referencial exibido perpassa obras e vídeos-processo da artista Carolina Guimarães, registros fotográficos da Oficina de papel reciclável aplicada no CIAPD e o vídeo, desenvolvido por mim, que demonstrar a técnica de transferência da massa de papel ao bastidor, explorada na proposta prática.

Diante das observações coletivas incentivei o diálogo, para que os alunos pudessem partilhar suas percepções acerca dos papéis e das composições criadas e, repensassem o seu olhar para o uso de recursos artísticos. Com a etapa de apreciação visual concluída, os discentes foram encaminhados à sala de artes da escola para realizarem as suas experimentações e desenvolverem proposições poéticas a partir de processos de criação próprios.

A escola municipal conta com duas máquinas tecnokits⁴ para a fabricação de papel artesanal, as quais me foram ofertadas pela Coordenação Pedagógica para a aplicação das aulas (Figura 17). Dada as especificidades da sala de artes e dos materiais fornecidos para a experimentação, a técnica em abordagem nesta pesquisa para a transposição do papel aos bastidores é a de transferência.

⁴ Trata-se de uma máquina-móvel para fabricação de papel artesanal reciclável. O kit tecnológico oferta prensas, bastidores, prancha de apoio, espátulas, medidores e uma prensa de manivela. Além de ser composto por uma robusta variedade de recursos, o kit configura-se como um laboratório móvel para a criação de papel artesanal, o que permite adentrar distintas áreas internas e externas da escola para a realização das propostas de aplicação.



Figura 17: Registro de máquina tecnokits para a criação de papel artesanal. Massarelli, Beatriz. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2023.

A pescagem, técnica utilizada por Guimarães (Figura 3), necessita de um largo recipiente para a imersão dos bastidores e opera uma massa de papel de consistência caudalosa. Tal técnica, limita as possibilidades exploratórias táteis – por não haver contato do criador com a massa, apenas com o líquido durante o mergulho –, visuais – por constituir produtos de gramaturas finas e que não exibem relevos sinuosos – e compositivas – por cercear a possibilidade de aglutinação processual de massa no bastidor. Dessa forma, compreende-se que, a técnica de transferência possibilitará a criação de peças com resultados estéticos e processuais mais interessantes para a experimentação e formação dos estudantes, e para o estudo realizado nesta pesquisa.

Na sala de artes, durante a segunda aula, cada aluno recebeu um bastidor e uma prancha de apoio – material que permite escoar e reservar a água – para a sua experimentação (Figura 18). Já as massas de papéis coloridas⁵ e os elementos visuais foram distribuídos nas mesas para a partilha coletiva. Os materiais ofertados percorrem a multiplicidade dos elementos naturais (folhas, flores e sementes distintas) e de bases de papel em cores diversas (branco, azul, amarelo, vermelho, rosa, verde e roxo). Os discentes tiveram a liberdade de escolher os recursos que desejaram agregar à composição e as operações utilizadas em seu processo de criação, momento o qual, preenche a dimensão prática da instauração (REY, 2002) das proposições criadas.

A especificidade do papel artesanal criado através da transferência demanda um longo período de secagem. Por essa razão, a continuidade da atividade proposta se daria na semana seguinte. Com as produções secas, ocorreu na terceira aula o desenforme das obras dos bastidores e os discentes puderam realizar uma roda de conversa na sala de artes para refletir sobre suas produções e sobre a experiência vivenciada.

A exposição das produções dos alunos, possibilitou que revisitassem o que criaram e pudemos conversar sobre seus processos de



Figura 18: Registro de bastidor e prancha de apoio contidos nas máquinas tecnokits de criação de papel artesanal. Massarelli, Beatriz. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2023.

⁵ Em virtude da quantidade de aulas atribuídas para a aplicação da proposta, não se apresentou viável utilizar o tempo hábil de aula para executar os extensivos procedimentos de transformação dos fragmentos de papel em massa no liquidificador e seu tingimento em múltiplas tonalidades. Por essa razão, as massas de papel foram ofertadas aos discentes previamente batidas e tonalizadas.

criação. A intencionalidade da roda é desmistificar a produção de arte como inspiração e habilidade inata e compreender a importância do processo na criação artística, enfatizando a particularidade e a especificidade dos processos, inclusive daqueles trabalhos que, segundo seus autores, são classificados como os que “não deram certo”. Aqui o caminho importa: a experiência é tão importante quanto o produto final.

Em relação aos trabalhos que apresentam resultados estéticos interessantes, proponho uma análise cuidadosa acerca dos aspectos composicionais e técnicos que os geraram, discorrida no Capítulo 3, “Operações Poéticas”. A discussão pretende, por fim, valorizar a criação dos alunos, seu olhar para si, enquanto produtor e o olhar crítico para seu trabalho.

O referencial teórico de pesquisa deste trabalho percorre a análise dos processos de criação dos alunos e suas operações poéticas a partir de Ostrower (2010), Rey (2002) e Read (2001) em união a metodologia de pesquisa a/r/tográfica (IRWIN, 2023). Firmando-se como uma prática da Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA), que distante da pesquisa tradicional, considera a incerteza, a imaginação e o dinamismo enquanto categorias que criam espaços dentro e entorno dos dados de pesquisa e permitem a construção de conhecimento na pesquisa em artes, a A/r/tografia coloca a criatividade à frente no processo de ensino (DIAS, 2023).

A A/r/tografia parte de três papéis que se retro-influenciam: artista, pesquisador e professor. Inserida em uma Pesquisa Viva (IRWIN, 2023), a A/r/tografia considera que o encontro desses papéis permite que o sujeito e a sua forma de investigação estejam em um estado constante de transformação e que as experiências advindas dessas três direções provoquem intervenções umas sobre as outras. E, no encontro desses papéis, as práticas artísticas e a produção de conhecimento são impulsionadas.

[...] A/r/tógrafos preferem pensar sobre as práticas de artistas e educadores como ocasiões para a produção de conhecimento. O processo de investigação torna-se tão importante, às vezes até mais importante, quanto a representação dos resultados alcançados. Artistas se envolvem em investigações artísticas que os auxiliam a explorar questões, temas ou ideias que inspiram sua curiosidade e sensibilidade estética. Já educadores se envolvem em investigações educacionais que os ajudam a estudar assuntos, tópicos e conceitos que influem nas suas aprendizagens, assim como nas maneiras de aprender a aprender. Esses processos formam a base da Pesquisa Viva. É uma Pesquisa Viva porque se trata de estar atento à vida ao longo do tempo, relacionando o que pode não parecer estar relacionado, sabendo que sempre haverá ligações a serem exploradas. (IRWIN, 2023, p. 27)

O caráter vivo da pesquisa a/r/tográfica, então, considera a importância de se estar atento aos acasos – conceito este também desenvolvido por Ostrower (1990) – que se decorrem e se revelam ao longo das experiências dentro e fora da sala de aula e instigam o a/r/tógrafo a assumir um olhar sensível para o que o entorna. Esse olhar, por consequência, permite alimentar as três linhas – arte, pesquisa e vivência em sala de aula – que preenchem o seu trabalho.

Enquanto uma artista visual que realiza experimentações com papel em sua pesquisa, procuro compreender como o processo de criação, a partir de uma materialidade tão singular, se transfigura, na sala de aula, a partir dos recursos ofertados aos discentes. Nesta pesquisa, a metodologia a/r/tográfica é aplicada para compreender e analisar os processos de criação dos estudantes e para percorrer a abordagem pedagógica instaurada na sequência didática.

Partindo do viés de Pesquisa Viva (IRWIN, 2023), que considera a construção de conhecimento a partir da experiência, a proposta pedagógica compreende que a pesquisa é guiada pelas operações dos alunos, suas escolhas e suas reflexões, visto que,

em conjunto, elas implicam afetações em mim, enquanto artista/pesquisadora/professora, instigam o meu olhar para a sala de aula e direcionam os desdobramentos dessa pesquisa.

Investigo aqui, a particularidade dos procedimentos dos alunos, suas escolhas técnicas e estéticas e quais os efeitos que os recursos explorados na experimentação implicam em suas criações. Através de análises das operações dos alunos, das reflexões partilhadas na roda de conversa e da expressão subjetiva desses indivíduos, busco exaltar, nesta pesquisa, o conhecimento derivado da experiência (IRWIN, 2023) que os participantes obtiveram através de suas experimentações.

Como estratégia de avaliação, busquei compreender se os estudantes se dispuseram a abraçar a proposta e a experimentar a realização de uma criação sensorial, poética e singular. A qualidade da experimentação estética (conceituação e uso de materiais distintos para a criação), a exploração do material tátil e a aglutinação dos elementos anexos foram avaliadas. Para além destes tópicos, os momentos de partilha na roda de conversa e na aula de apreciação visual, considerando as reflexões sobre processo, as particulares escolhas de materiais, as perspectivas dos discentes sobre a proposta e os produtos finais criados, e por fim, o olhar para o que fora produzido por si e pelos colegas, também compõem a análise avaliativa.

2.4 Recursos e estruturas necessárias

Materiais

- Papéis para descarte;
- Recipientes para a distribuição de massas de papel;
- Pigmento xadrez para tonalização dos papéis (vermelho, azul e amarelo);
- Máquinas tecnokits de produção de papel reciclado artesanal ofertadas pela escola;

- Elementos vegetais naturais (folhas, flores e sementes);
- Projetor.

Infraestrutura

- Sala de aula do 6º ano (para uso do projetor na 1ª aula apreciação visual);
- Sala de artes (para execução da proposta prática na 2ª aula e para a roda de conversa na 3ª aula).



operações poéticas

3. OPERAÇÕES POÉTICAS

*A experiência em sala de aula...
A exposição da proposta. A curiosidade. A participação. A fala.
O novo. O olhar. O toque.
Estranhamento.
Experimentação. Caminhos, descobertas, operações.
Brincar.
Seleções e escolhas. Criação e composição.
Roda. Olhar. Toque. Conversa. Interferência.*

Rememorar os momentos vivenciados com os alunos me tira um sorriso do rosto. A curiosidade, o encontro com o novo, o brincar. Para aquele que assiste com um olhar sensível, os instantes tornam-se valiosos.

Acredito em um ensino horizontal, no qual o conhecimento constrói-se em uma via de mão dupla entre professor e aluno: recebemos tanto quanto transmitimos, em caráter de troca. E, em minhas reflexões, após a aplicação da experimentação com os estudantes, compreendo a grandiosidade e o impacto dessa experiência em mim, enquanto arte-educadora em formação. Partilho, neste capítulo, reflexões acerca dos três momentos – apresentação de referencial imagético, proposta prática e roda de conversa – que constituíram a experiência vivida em com os alunos.

Em sala de aula, iniciamos a nossa conversa. O primeiro momento da experiência foi constituído pela exibição de referencial imagético aos discentes, visto que, a proposta de experimentação trata sobre a exploração de um material com o qual não possuíam contato prévio. Percorremos, inicialmente, a forma de produção de papel nas grandes indústrias e o impacto que isso gera no meio ambiente, ao considerar o consumo de água, de energia e da matéria prima. Discutimos sobre o alto volume de descarte de papel na escola e na própria aula de artes – com adendos da professora.

O início dessa conversa, para além do que fora proposto na sequência didática, percorrida no Capítulo 2, surge em conformidade a uma solicitação da professora de artes e também da Coordenação Pedagógica da escola. Vale ressaltar que, posteriormente, os desdobramentos desse encontro entre Arte e Ciências, no viés da reciclagem e da sustentabilidade, direcionaram e permitiram uma ampliação da pesquisa. Fruto disso, foi ofertado pela Coordenação Pedagógica espaço para uma segunda aplicação da experimentação na Semana de Oficinas de Férias da escola, a ser percorrida posteriormente neste capítulo.

Em sequência, comparamos brevemente os gastos de energia e água na reciclagem de papel e partimos para uma reflexão: quais possibilidades são inerentes à reciclagem do papel? Podemos sim, reciclá-lo, através de uma base simples e gerar novos papéis similares a sulfites, mas podemos ir além? Agregar novas possibilidades a esse material? Não apenas gerar um produto usual, que cumpre a sua função enquanto uma tela branca, suporte para anotações, mas pensar novas possibilidades para ele. Como ele pode se materializar visualmente? Partimos para a exibição de alguns referenciais imagéticos da artista visual Carolina Guimarães (2020), cujas criações percorrem a união de cartões de bingo à pigmentos coloridos, cupons fiscais à fundos de bolsas, folhas de revistas velhas à coadores de café e papéis coletados diversos à elementos naturais.

E o questionamento seguinte, levantado a eles foi o “como fazer?”, “como vocês imaginam que conseguimos chegar nesse resultado? Transformar esses papéis tão distintos coletados, de sulfite à folhas de caderno, jornal e revistas, em uma massa única?” Diversas perguntas instigadoras foram levantadas ao longo dessa discussão inicial, com a intenção de explorar com os alunos as particularidades inerentes ao papel artesanal produzido através da técnica de transferência. Perceber o que eles notavam a partir das imagens referenciais e instigar novos olhares para que o senso de processualidade fosse construído, considerando que,

do momento de transposição das massas de papel aos bastidores à sua secagem, diversas mudanças ocorreriam e isso posteriormente seria levantado na roda de conversa.

Diversas surpresas positivas – ou inesperadas – surgiram ao longo dos encontros com os alunos. Neste primeiro momento, quando começamos a conversar sobre a criação da massa base de papel, uma aluna prontamente passou a compartilhar com os colegas de sala as etapas de se criar a polpa de papel. Após a descrição do processo de transformação dos papéis em massa, apresentei algumas das imagens referência dos papéis criados na oficina aplicada no CIAPD e alguns dos participantes em processo, para demonstrar como transpor a massa aos bastidores, em união a um vídeo-processo que gravei para demonstrar aos estudantes como unir massa de papel e elementos naturais à tela.

Com a apresentação da técnica, nos direcionamos à sala de artes. A parte teórica lhes cativou a curiosidade, os instigou ao que estava por vir. Já na sala de artes, a brincadeira começou: adentramos o segundo momento da experiência, constituído pela proposta prática. Seus olhos curiosos percorreram os materiais dispostos nas mesas (Figura 19). Ao se depararem com as diferentes cores de massas de papel, as plantas, bastidores e pranchas de apoio, demonstraram grande interesse em tocar as massas. Senti-las. Me faltam palavras para tornar verbalmente palpável e transmitir a sensação da massa de papel gelada e macia percorrendo os dedos. Algo próximo a uma massa de bolo, talvez. Mas nesses toques tímidos, em que um único dedo ia de encontro à massa de papel, o riso e o estranhamento se enlaçaram à diversão.

Pequenas mãozinhas, que se desentvergonhavam, quando dada a largada, penetravam as vasilhas e coletavam massas em diferentes cores, derramando-as sobre os bastidores. Com um olhar atento, e o lugar privilegiado que o estágio pode nos colocar, pude contemplar as particularidades nas execuções dos alunos ao realizarem a transferência: alguns coletavam quantidades



Figura 19: Registro dos materiais ofertados dispostos nas mesas. Massarelli, Beatriz. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2023.



Figura 20: Alunos em processo. Experimentações das massas de papel tingidas com pigmento xadrez. Massarelli, Beatriz. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2023.

significativamente pequenas de massa – o suficiente para preencher as pontas dos dedos – e as dispunham minuciosamente sobre os bastidores para criar padrões, enquanto outros apanhavam micro-montanhas nas palmas de suas mãos e as espalhavam sobre a tela para ocupar maiores espaços (Figura 20).

Através da repetição contínua da ação mecânica de se transferir as massas dos recipientes aos bastidores, grandes constituições amorfas em distintas tonalidades preenchiam as telas dos alunos. Eles então, modelavam essas estruturas para que constituíssem formatos específicos ou preenchessem diferentes dimensões nas telas. Através dessas operações (REY, 2002), os participantes conseguiam criar padrões e caminhos através dos encontros entre as distintas cores.

Em sua experimentação, um aluno explorou o uso de múltiplas cores através de faixas em sequência diagonal (Figura 21). O aluno operou, continuamente, cor a cor, sobre o bastidor. Colhia nos recipientes micro-montanhas de papel e as dispunha em grandes porções sobre a tela. As apertava, para compactá-las e em sequência adicionava novas porções sobre as ordenadas, de modo a quase ultrapassar as margens do bastidor. Quando finalizava uma cor, iniciava uma nova faixa e repetia seus procedimentos: colhia, prensava e adicionava novas camadas sobre as já dispostas. O aluno relatou que seu intuito, com essas operações, era criar um papel de estrutura robusta e de gramatura alta.

A gramatura do papel provocou duas implicações na composição do estudante. A primeira firmou-se na aglutinação de um elemento natural sobre a massa base de papel (Figura 22). As propriedades curvilíneas da folha tornaram-se um obstáculo no processo de união da mesma à massa, pois sua estrutura curva impedia que a folha se atasse com firmeza à base de papel. Diante dessa problemática, o aluno se deparou com uma solução singular: ele introduziu profundamente as extremidades da folha dentro da massa, fixando-a sobre a estrutura base.

A técnica teve êxito em função da alta gramatura do papel, visto que, caso o estudante executasse a mesma operação em um papel de menor gramatura, ele não obteria o mesmo resultado, pois não conseguiria afundar a folha dentro da fina camada de massa.

A segunda implicação é notada ao analisar o papel finalizado, posto para secagem (Figura 22). As operações de prensa e sobreposição de camadas, executadas pelo estudante, resultam em modificações na disposição das massas sobre o bastidor: as camadas inicialmente criadas, em faixas diagonais, distribuem-se agora, em ondulações diversas, formadas através da contínua manipulação tátil. A quantia avantajada de massa sobre o bastidor influencia nas operações táteis ao fornecer ao aluno maior corpo de contato a ser manuseado. E, por consequência, as manipulações constantes efetivamente deformam as estruturas dispostas sobre a tela e reconstituem seus formatos.

Assim como no ato de apanhar e manusear as massas, as seleções de cores firmaram-se extremamente singulares durante a proposta prática: alguns alunos manifestaram preferência por massas constituídas por cores que possuíam afinidade, enquanto outros optaram por explorá-las em multiplicidade. Conforme as anexaram sobre a tela, percebiam, através de suas intuições, quais cores faltavam em suas composições. E, vez ou outra, ouvia-se “Alguém tem rosa sobrando?” pairando pela sala de artes.

Havia ainda, aqueles alunos que só desejavam continuar com a brincadeira sensorial, e se permitiam, vez ou outra, a revirar os potes quase vazios de massas sobre suas telas, para permanecerem em processo e em contato com a polpa molhada. O ato de tocar o papel do colega ao lado, a possibilidade de fazerem juntos e a consciência em dividir o material, misturada à ansiedade de tê-lo em mãos, assim como em um jogo lúdico, configuram um senso de coletividade que fez-se muito presente durante a experiência vivenciada, em especial na proposta prática e na roda de conversa, terceiro momento dessa experimentação, a ser abordado posteriormente.



Figura 21: Registro processual de criações de papéis artesanais. Massarelli, Beatriz. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2023.



Figura 22: Registro de papel artesanal disposto para secagem. Teodoro, Zero. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2023.

Um componente muito explorado pelos alunos foi a água das massas enquanto um recurso técnico. Conforme a transferência era realizada e as massas modeladas, a água escorria continuamente e em abundância, atravessando os bastidores. Grandes manchas arroxeadas pairavam nas pranchas ao longo do processo. Os estudantes coletavam essa água e a entornavam sobre os papéis, para que eles retornassem à uma constituição mais macia e cedessem com maior facilidade à pressão do tato, permitindo um manuseio mais fluido.

Para além deste uso, o caldo das massas possui função aglutinante: composto por pequenas fibras de papel, permite conectar massas distintas, ao reidratá-las. Uma vez derramado pelo operador sobre o papel, o caldo reconstitui a estrutura tenra das diferentes massas e lhes configura maior aderência. Através de uma breve demonstração, exibi aos alunos a técnica de derramamento, para que a pudessem explorar enquanto um recurso nas operações de aglutinação de elementos naturais ao papel.

O caldo firma-se como uma das especificidades da materialidade do papel artesanal. Na técnica de transferência, sua presença na composição pode ser regulada através da ação mecânica de se prensar a massa de papel contra o bastidor (Figura 23). Os participantes executaram este procedimento por motivações distintas: para modificar a gramatura da massa, para escoar a água mais rapidamente e obter uma estrutura visual menos caudalosa durante a criação, ou pelo simples prazer de sentir a massa sendo comprimida entre os dedos e ouvir o som da água escoando pela tela.



Figura 23: Registro processual de aluna prensando papel contra o bastidor. Massarelli, Beatriz. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2023.

Uma aluna utilizou-se do ato de prensagem de maneira muito cautelosa. Seu procedimento consistiu em coletar pequenas quantias de massas azul e rosa e agregá-las progressivamente ao bastidor. Quando em contato com a tela, a massa era pressionada sutilmente, com as pontas de seus dedos, para a criação de um papel com menor espessura (Figura 24, bastidor à esquerda). Em consequência, após a secagem completa, a operação minuciosa implicou propriedades singulares ao papel: a gramatura firmou-se menos espessa, a qual era o intuito da aluna, e a textura do papel foi modificada. Em comparação aos papéis desenvolvidos pelos colegas, o seu apresenta textura menos rugosa e protuberante. Tocá-lo assemelha-se a ter uma flor de algodão em mãos (Figura 25).



Figura 24: Alunas em experimentação prática. Teodoro, Zero. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2023.



Figura 25: Papel artesanal azul e rosa criado por aluna. Massarelli, Beatriz. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2023.

Ostrower (2010), ao tratar sobre materialidade e suas determinantes, como já desenvolvido no Capítulo 1, intitulado “Processos”, ressalta que as particularidades intrínsecas à matéria manifestam possibilidades e impossibilidades que orientam o curso criador ao impor limitações ao operador, que encontra-se face a direções múltiplas durante seu processo. A proposta prática de experimentação, aqui narrada, revela as implicações das determinantes da massa de papel sobre o ato criador.

A exemplo disso, a textura da polpa, composta por uma massa tenra e úmida, confere ao produtor uma manipulação tátil que propicia que massas distintas se aglutinem em uma massa única. Essa constituição macia, possibilita a sobreposição de camadas na composição e permite que o produtor a prenda contra a tela, para regular a gramatura do papel. E a água das polpas, por fim, opera enquanto aglutinante e é um recurso para reidratar as massas e lhes fazer ceder à pressão do tato.

Essas determinantes são intrínsecas à materialidade do papel artesanal e apenas ela permite que as explorações específicas, aqui citadas, fossem realizadas pelos estudantes. Para além disso, a sequencialidade das ações executadas, em união as particularidades da materialidade e do sujeito, conferem as escolhas tomadas pelos estudantes nos caminhos que percorreram em suas produções.

Ao discorrer sobre escolhas estéticas, Read (2001) aponta que a composição trata-se da união das propriedades intrínsecas à forma e a cor. As escolhas de seleção de materiais - elementos naturais e massas de cores distintas - e suas respectivas disposições nas composições, a maneira de operar os elementos, considerando a implicação disso no produto final, optar por apertar ou não a massa contra o bastidor para remover-lhe a água e conseqüentemente modificar a textura do papel, quando seco, configuram algumas das escolhas tomadas pelos estudantes em suas experimentações. Essas escolhas estéticas e operacionais configuram a expressão da subjetividade dos alunos em suas

composições, assim como pode-se observar nas produções finalizadas.

Ao fim das explorações dos alunos, dispomos seus papéis para secagem e realizamos a organização da sala e dos materiais (Figura 26). Visto que, a sala de artes da escola trata-se de um local com pouca ventilação, e alguns estudantes optaram por desenvolver papéis com gramaturas altas, o processo de secagem foi atrasado e estendeu-se por cerca de quinze dias. Por essa razão, retomamos a experiência duas semanas após o dia da experimentação prática.



Figura 26: Papéis em processo de secagem. Massarelli, Beatriz. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2023.

Para esta nova etapa, organizei as mesas da sala unindo-as em uma única mesa, de modo a permitir que, quando sentados, todos os alunos pudessem se olhar durante suas partilhas na roda de conversa. E, realizei, por fim, a preparação dos papéis, removendo-os de seus bastidores e dispondo-os sobre a mesa. Ainda que a secagem tenha sido prolongada, alguns dos papéis não secaram por completo e por essa razão, estes papéis específicos foram mantidos em seus respectivos bastidores para a atividade.

Neste terceiro momento da sequência didática, instauramos, na sala de artes, uma roda de conversa para provocar reflexões acerca da experiência vivenciada pelos estudantes. Ao adentrar a sala, os alunos demonstraram entusiasmo imediato em descobrir o resultado de suas produções. Sentaram-se nas mesas e a proposta inicial, foi que sentissem a textura dos papéis secos. Tocaram, então, os seus papéis e o de seus colegas.

A experiência tátil promovida está intimamente ligada às perguntas norteadoras levantadas na roda, pois os questionamentos intencionam compreender a percepção dos alunos sobre os desdobramentos da experimentação e da materialidade manipulada. As provocações retomam os momentos iniciais da experiência - exposição de referencial imagético e proposta prática - através de três tópicos centrais: processo de criação, transformação da matéria e o olhar para as produções.

Ao abordar os processos, questionei os alunos sobre a sensação do primeiro contato com o material e se as determinantes da materialidade implicaram dificuldades durante suas produções - no que concerne a manipulação da massa, a técnica de transferência e a aglutinação de elementos. Em meio a essa conversa, revelaram o quão singular é o toque à massa molhada e como é divertido comprimi-la nas mãos. Sentir a água escorrer pelos dedos e observar o líquido pairando sobre a tela.

Apontaram que, inicialmente, sentiram dificuldade em inserir algumas folhas e flores em suas composições devido às suas

estruturas botânicas, que impediam a fixação imediata das plantas sobre as massas. Mas que, através da demonstração realizada na experimentação prática, conseguiram juntos, descobrir novas possibilidades de aglutinação, fosse unindo o caldo com pequenas quantias de massa e prensando-as nas extremidades das plantas; através da inserção de partes dos elementos dentro da base de papel; ou pelo simples derramamento do caldo sobre os elementos.

Solicitei, em sequência, que partilhassem sobre suas escolhas individuais acerca do uso de cores, disposição das massas na tela, a técnica de prensagem, o uso do caldo e elementos naturais e se intencionavam, por fim, algo específico durante suas operações. Alguns estudantes revelaram que suas criações foram exclusivamente experimentais: selecionavam cores com as quais tinham proximidade e as uniam em seus bastidores. A partir dessa aglomeração, manipularam a massa, espalhando-a sobre as telas e brincaram com as ações mecânicas de derramamento de caldo e prensagem. Em relação aos elementos naturais, apontaram que suas seleções foram realizadas de maneira intuitiva, e que, assim como na escolha de cores, os elementos coletados foram aqueles que lhes cativaram.

Já outros alunos partilharam que, durante a experiência, ao tocar a massa de papel e percebê-la enquanto matéria, operaram manipulações específicas para obter resultados que lhe instigaram a curiosidade: construir um papel de gramatura alta, desenvolver padrões específicos através das cores e prensar continuamente a massa para criar um papel de gramatura baixa e textura suave. É possível observar essas operações nos estudos de caso aqui abordados (Figura 22 e Figura 25).

Enquanto alguns estudantes partiram de mobilizações internas, não necessariamente conscientes, para obter certos resultados estéticos e táteis, outros estabeleceram maior conexão com os mecanismos da sensorialidade e suas intuições. Assim como apontam Barbieri (2011) e Ostrower (2010), essas mobilizações vinculam-se

ao que afeta intimamente o indivíduo e estimulam a sua percepção, lhe impulsionando a operar determinados procedimentos durante seu processo de criação. Dessa maneira, ao observar as operações realizadas pelos alunos na proposta prática e ao ouvir seus relatos na roda de conversa, firmam-se evidentes, na experimentação prática, a intuição e a intencionalidade dos participantes.

Após discorrermos acerca dos processos de criação, tratamos da transformação da massa molhada para a estrutura compacta que constitui os papéis secos. De imediato, os alunos apontaram as modificações na textura dos papéis: previamente tenros e úmidos, possuem agora, qualidade rugosa e proeminente. As estruturas formais, antes moldáveis, que permitiam aos operadores executarem múltiplas alterações sobre a disposição das massas e dos elementos sobre os bastidores, firmam-se agora condensadas e não cedem mais à pressão do toque. E a vibratibilidade das cores, anteriormente presente nas massas molhadas, se esvaiu com a secagem, transformando as cores em tons pastéis desbotados.

Durante esses apontamentos, alguns alunos lembraram dos referenciais apresentados na aula de apreciação imagética e estabeleceram paralelo entre as especificidades inerentes às suas produções – cor, textura e forma – às obras da artista visual Carolina Guimarães. Em seus apontamentos, afirmaram que as características implícitas à materialidade, notadas na experiência que vivenciaram, também se fazem presentes no material da artista e em seu processo, retratado em *Fragmentos* (2020)⁶.

A provocação gerada pela experiência tátil permitiu instigar reflexões nos alunos, a partir de suas próprias percepções. Ao abordar o processo de criação de papel artesanal, tratamos intrinsecamente sobre toque e sensorialidade. No que concerne a percepção da transformação da matéria, inclui-se a interação do operador com a mesma: em processo, ele toca a polpa úmida e tenra de papel, e, após a secagem, depara-se com uma estrutura compacta, rugosa e seca. Ofertar um espaço para olhar e tocar o

material, permite que os participantes elaborem impressões acerca da materialidade, a partir de sua própria experiência e as partilhem, coletivamente, na roda de conversa.

O último tópico abordado na roda buscou valorizar o olhar dos alunos para o que produziram. Buscando compreender de que maneira o que criaram os afetou, indaguei como se sentiam observando seus papéis. Eles então, expressaram o quanto apreciaram a materialidade, por ela permitir liberdade de manipulação e possibilitar a criação de composições a partir de formas e elementos naturais. As especificidades da massa de papel artesanal e suas transformações são características que os intrigaram fortemente, em relação ao processo de criação e as implicações da matéria no produto final.

Alguns alunos revelaram que apreciaram a experiência, mas que, diante os resultados, realizariam escolhas e operações diferentes. Uma aluna apontou que, em uma nova experiência, construiria seu papel com uma gramatura maior, para que se tornasse menos frágil. Já outro aluno, revelou que não usaria flores em sua composição pois não apreciou o processo de secagem das plantas sobre o papel. Um último aluno, por fim, disse que não usaria a massa branca na sua composição, visto que, quando seca, ela se torna acinzentada. E para ele, cinza é uma cor triste.

Ainda que a experiência aqui proporcionada trata-se do primeiro contato dos estudantes com o papel artesanal, suas criações desvelam grande potência. As mobilizações internas (BARBIERI, 2011), que instigam as crianças a concretizar ações por simples desejo e lhes guiam a acreditar em ideias e intuições, encontram-se intimamente engendradas na brincadeira vivenciada. E, com sua inserção no processo de criação, no que se referem os três momentos da sequência didática – apresentação de referencial imagético, proposta prática e roda de conversa –, o conhecimento dos alunos revela-se derivar da experiência (IRWIN, 2023) e do material referencial apresentado na aula de apreciação imagética.

⁶ O vídeo-processo *Fragmentos* (2020), da artista visual Carolina Guimarães, encontra-se referenciado no Capítulo 1, intitulado “Processos”. Vide Figura 4 e Figura 5.

Ao efetuarem determinadas escolhas estéticas e operarem os materiais, à sua maneira, os estudantes realizaram descobertas sobre as possibilidades e impossibilidades determinadas pelo papel artesanal (OSTROWER, 2010). Perceberam, durante a experiência tátil, a transformação da matéria em seu processo de secagem. E, ao refletirem sobre seus processos de criação, puderam compreender que suas operações implicam consequências na materialidade, para além das que ela propriamente impõe.

A partir de suas reflexões pessoais acerca das criações e da possibilidade de ouvir as percepções dos colegas sobre as produções, os alunos estimulam o olhar sobre seus trabalhos e isso possibilita que valorizem sua própria produção e criatividade, assim como, sua subjetividade.

O exercício proposto possibilita que o trabalho feito pelos alunos, ou seja, sua expressão individual, encontre interlocutores que leem este trabalho. A comunicação gerada pelo trabalho permite que, ao se depararem com a materialidade e suas constituições, e ao ouvirem o outro exprimir apontamentos sobre sua criação, os espectadores obtêm conhecimento técnico - ao tocarem o papel e compreenderem os processos realizados pelo produtor - e da mensagem transpassada visualmente - que se configura através das manipulações realizadas e pode firmar-se diferente, dada as operações.

Após percorrermos o processo de criação, de transformação da matéria e o exercício do olhar para as produções, na roda de conversa, uma das alunas questionou se o papel criado na aula poderia ser utilizado enquanto um suporte para desenho. Um de seus colegas prontamente passou a remover as folhas de sua composição e se deparou com marcas das nervuras das folhas prensadas no papel. Ele passou então a desenhar sobre as marcas que penetraram o papel, com canetas esferográficas coloridas (Figura 27).

Sua ação instigou os colegas a, coletivamente, executarem a mesma exploração. Fornecemos então, aos alunos, canetas hidrográficas disponíveis na sala de artes para que efetuassem novas descobertas (Figura 28).



Figura 27: Alunos realizando interferências sobre papéis artesanais. Massarelli, Beatriz. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2023.



Figura 28: Alunos desenhando em papéis artesanais. Massarelli, Beatriz. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2023.

Os resultados da aplicação da experimentação com os estudantes foram tão significativos, que a Coordenação Pedagógica da escola ofertou a possibilidade de uma segunda aplicação da experiência na Semana de Oficinas de Férias da instituição. Nesta aplicação, atingi um público diferente: um aluno do oitavo ano e duas adultas, residentes do Programa de Residência Pedagógica, que adentraram a oficina enquanto ministrantes e participantes.

Instaurada no período da tarde, a oficina permitiu a operação dos processos iniciais de preparação e transformação dos papéis reciclados em uma massa base de papel: realizamos a picagem e a imersão dos papéis em água e trituramos os fragmentos no liquidificador para transformá-los na polpa de base incolor. Vale ressaltar que a coleta de materiais utilizados na oficina foi ofertada pela própria escola, em uma ação levantada pela Coordenação Pedagógica que buscou incentivar os estudantes a reciclar os papéis que descartam nas salas de aula e lhes trazer novo propósito.

Com a base pronta, iniciamos, coletivamente, diversos processos de tingimento. Separamos quantias similares de massas em recipientes, agregamos pigmento xadrez às polpas para condicionar a impregnação das cores nas polpas e as misturamos continuamente, até que se tornassem homogêneas. A partir das associações, obtivemos as tonalidades azul, rosa, roxo, verde, amarelo e laranja.

Em sequência, os participantes iniciaram suas experimentações. E eu, me atentei a observar e a tingir novas massas. Os três participantes realizaram operações de manipulação muito próximas às dos alunos do sexto ano: para transferir as massas ao bastidor, ora coletavam quantias mínimas nas pontas de seus dedos, para as dispor minuciosamente, ora transformavam suas mãos em conchas para apanhar micro-montanhas e derramá-las sobre os bastidores.

Em uma de suas experimentações, a residente e artista visual Zero, operacionalizou as massas de forma a conseguir obter degrêds entre as cores (Figura 29).



Figura 29: Sem título. Zero Teodoro. Papel artesanal, pigmento xadrez e ramo ao centro. 21x17cm. 2023.

A região central do seu papel é predominantemente azul e suas extremidades firmam-se amarelas. No encontro dessas cores, notam-se pequenas manchas esverdeadas, que surgiram através da sobreposição parcial da massa azul sobre a amarela.

Para além das ações mecânicas de sobrepor camadas e mesclar cores na composição, criada pela artista, a própria materialidade implicou um tingimento do azul sobre o amarelo. Durante o processo de secagem, a água contida nas massas passou a se esvaír pela tela, permitindo que as constituições da massa de base azul penetrassem a amarela. Nesses encontros, as distintas polpas se mesclaram e, assim como as massas, as cores na composição se modificaram e constituíram juntas, algo novo.

Esse acaso ocorreu devido a proporção de pigmento xadrez que foi adicionado à polpa base de papel. Durante a tonalização, algumas gotas do pigmento azul foram derramadas a mais sobre a polpa. Por consequência, a saturação da massa se apresentou mais potente. Ao observar os papéis secos, nota-se que a massa azul é uma das que perdeu menos vibratibilidade nas composições e este fator revela que uma quantia menor de pigmento se esvaiu das produções.

A residente Thaís, estudante de Pedagogia, realizou escolhas de composição muito específicas em uma de suas experimentações. Suas operações consistiram em manipular pequenas quantias de massa, sobrepor-las na tela e ordená-las em estruturas curvilíneas, formando semicírculos que se justapõem.

A simetria faz-se presente em sua exploração através da disposição dos elementos naturais e da organização das massas coloridas, que compõem as dimensões do papel (Figura 30). Curiosamente, a operação de aglutinação de sementes, realizada pela participante, se assemelha à realizada por alguns estudantes: para anexá-las em sua composição, as afundou delicadamente dentro da massa de papel, para que se prensassem parcialmente e se encaixassem na estrutura base (Figura 31).



Figura 30: Sem título. Thaís Simão. Papel artesanal, pigmento xadrez, sementes e pétalas de pata de vaca. 17x21cm. 2023.



Figura 31: Aglutinação de sementes de pata de vaca em papel azul, amarelo e rosa. Massarelli, Beatriz. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2023.

A criança e o artista se aproximam por acreditarem em mobilizações internas e intuições que os instigam a operacionalizar ações (BARBIERI, 2011). A intencionalidade, ainda que não totalmente consciente, pode se firmar presente nas produções desses dois indivíduos, assim como apresentado nessa pesquisa.

O que difere esses dois seres é a bagagem que carregam. Ambos brincam, experimentam e tem suas intuições. Entretanto, o conjunto de experiências de vida e os referenciais imagéticos, teóricos e técnicos que perpassam o artista, direcionam suas escolhas estéticas e lhe permitem encontrar soluções e executar operações com maior consciência.

Conforme experiências são vivenciadas e linguagens artísticas são experimentadas, torna-se mais acessível transformar a intenção em matéria, através do ato mecânico e sensorial de manipular a materialidade para que ela se adeque a intenção do criador. A criança realiza escolhas a partir de suas intuições e por vezes de suas intenções, mas ao contrário do artista, que possui uma bagagem ampla, a criança experimenta de maneira lúdica e sensorial as materialidades, composições, escolhas estéticas e repertório artístico.

Para além disso, no contexto dessa pesquisa, a experiência proporcionada na proposta prática trata-se do primeiro contato dos alunos com a materialidade do papel artesanal. Portanto, as experimentações realizadas pelos estudantes foram provocadas por suas impressões iniciais da materialidade e suas determinantes, em união às técnicas de manipulação demonstradas por mim, na sala de artes.

Ao se depararem com obstáculos, durante suas produções, os alunos precisaram encontrar alternativas para ultrapassá-los e obter determinado resultado. Fosse no ato de introduzir as extremidades de uma folha dentro da massa de papel para fixá-la (Figura 22), na ação mecânica de se prensar delicada e constantemente a massa de papel contra o bastidor para que sua gramatura

diminuísse (Figura 24), ou remover as pétalas e as folhagens da composição para atribuir novo uso a superfície do papel (Figura 27).

A A/r/tografia (IRWIN, 2023) reconhece que a construção de conhecimento pode derivar da experiência. E, ao analisar as produções dos estudantes, as escolhas e as operações que realizaram e seus apontamentos na roda de conversa, demonstra-se, na prática, que ele foi edificado. Fosse através de intenções, de intuições que derivam de um brincar, ou de acasos, que surgem como forma de desafio e replanejamento do processo, o conhecimento em criar papel artesanal foi amplificado na sequência didática.

A metodologia de pesquisa a/r/tográfica compreende que as práticas de educadores e artistas tornam-se locais de investigação que permitem ao artista/pesquisador/professor levantar reflexões a partir de um olhar sensível que considera a criatividade e a subjetividade dos alunos à frente no processo de ensino. As abordagens de investigação, portanto, podem se localizar na experiência do atelier, na medida em que, a construção do conhecimento se dá através da experiência.

O caráter vivo (IRWIN, 2023) da pesquisa a/r/tográfica considera que o artista/pesquisador/professor parte, em sua vivência de atelier e na aplicação de propostas práticas, de alguns pressupostos sobre as possibilidades e impossibilidades intrínsecas a uma materialidade, uma técnica ou uma linguagem. Entretanto, ele não possui convicção do resultado que a pesquisa configurará.

[...] enquanto projetos a/r/tográficos podem começar com um ou mais problemas de pesquisa, o ato da Pesquisa Viva admite que esses problemas evolverão durante o desenvolvimento do projeto. A/r/tógrafos são capazes de criar artefatos e textos que representam a compreensão adquirida a partir de suas perguntas iniciais, no entanto eles também prestam a devida atenção para a evolução dos problemas durante a investigação. Muitas vezes, é aqui que o projeto a/r/tográfico se torna

um ato transformador da investigação. Problemas de pesquisa estão imersos nas práticas de artistas, educadores ou artistas educadores e, portanto, tem o potencial de influenciar essas práticas no e durante o seu tempo (IRWIN, 2023, p. 26)

Nesta pesquisa, parto de pressupostos sobre a materialidade do papel artesanal e suas especificidades, que advém das minhas experimentações, da oficina de papel ministrada em parceria ao CIAPD e da análise dos processos da artista Carolina Guimarães.

A metodologia aqui trabalhada, de pesquisa e educação, baseadas na A/r/tografia, reconhece a produção de conhecimento através da experiência e valoriza a subjetividade dos alunos, exprimida em suas produções e na fala compartilhada. Ao observar as explorações dos estudantes, suas escolhas, a maneira em que decidiram operar o material, a brincadeira coletiva, ouvir suas partilhas na roda de conversa e promover uma experiência tátil para instigar percepções acerca do processo de criação e da experiência vivenciada, vi a construção do aprendizado sendo concebida entre mim e os estudantes de maneira viva (IRWIN, 2023).

O olhar sensível do a/r/tógrafo, que considera os acasos que adentram a pesquisa enquanto atos transformadores que a reconfiguram, me perpassou ao longo dessa experiência. Aberta, suscetível às mudanças e sensível ao que foi despertado na experiência prática, assumi as implicações da pesquisa enquanto novas descobertas e fontes de reflexão para mim e para os estudantes.

A forma em que a incerteza e a vivacidade da pesquisa me afetam, intimamente, enquanto arte-educadora em formação, possibilitam que minhas investigações, meu trabalho poético e o que busco promover, enquanto experiência em sala de aula, sejam influenciados pelas análises que realizei nesta pesquisa. Nesse sentido, o meu olhar, voltado à produção dos estudantes e às suas reflexões partilhadas na roda de conversa, alimentou os três papéis que envolvem a minha figura, nesta investigação

- artista, pesquisadora e professora. E me ofertou, a partir do olhar dos alunos, a possibilidade de aprimorar o meu olhar para processos de criação em arte, para a vivência na educação e perceber o quão recompensadora é a troca presente na sala de aula.

O resultado do que presenciei, vivi, olhei, refleti e registrei, constituem um livro de artista, que trata-se de um produto que materializa minhas reflexões e observações da vivência que tive com os estudantes durante a experiência. Elaborado a partir de registros fotográficos de meu acervo pessoal, que foram produzidos ao longo da sequência didática instaurada com o sexto ano e na oficina de papel realizada na semana de oficinas de férias da escola, o livro exibe a transição da materialidade de polpa à papel seco, os alunos em processo, os elementos naturais ofertados, a secagem e apresenta, em união as fotografias, reflexões escritas (Figura 32, Figura 33, Figura 34, Figura 35 e Figura 36).



Figura 32: Sem título. Beatriz Massarelli. Livro de artista. 28x40cm. 2023.



Figura 33: Sem título. Beatriz Massarelli. Livro de artista. 28x40cm. 2023.



Figura 34: Sem título. Beatriz Massarelli. Livro de artista. 28x40cm. 2023.



Figura 35: Sem título. Beatriz Massarelli. Livro de artista. 28x40cm. 2023.



Figura 36: Sem título. Beatriz Massarelli. Livro de artista. 28x40cm. 2023.

A constituição do livro estabelece paralelo com o meu processo artesanal de fazer papel. Utilizo, em minhas experimentações, bastidores com tela de algodão cru. Para resgatar essa materialidade, me aproprio dela, no livro, enquanto um recurso que conecta as páginas e institui maior maleabilidade na obra. Essa característica oferta ao público uma ampliação das manipulações do livro e configura novas formas de realizar a passagem das páginas (Figura 37 e Figura 38).

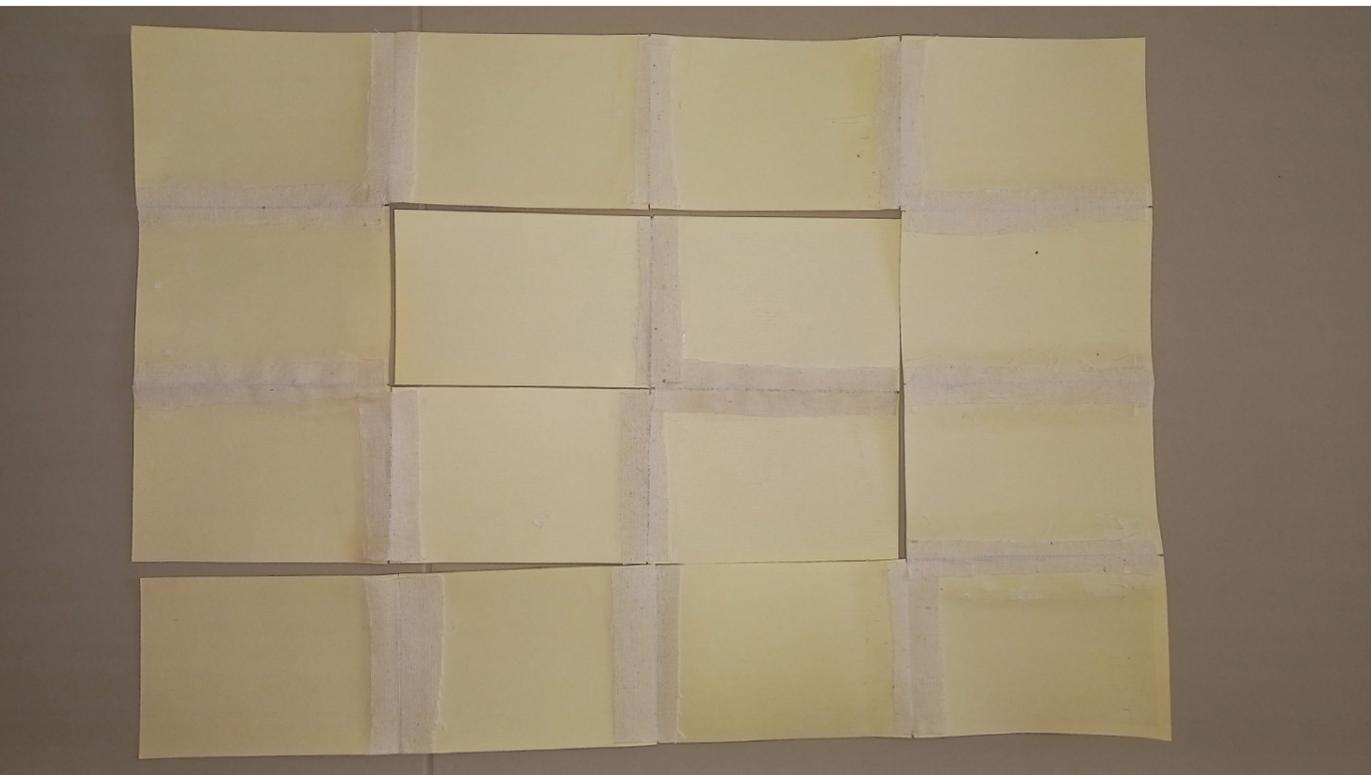


Figura 37: Livro de artista em processo de criação. Massarelli, Beatriz. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2023.

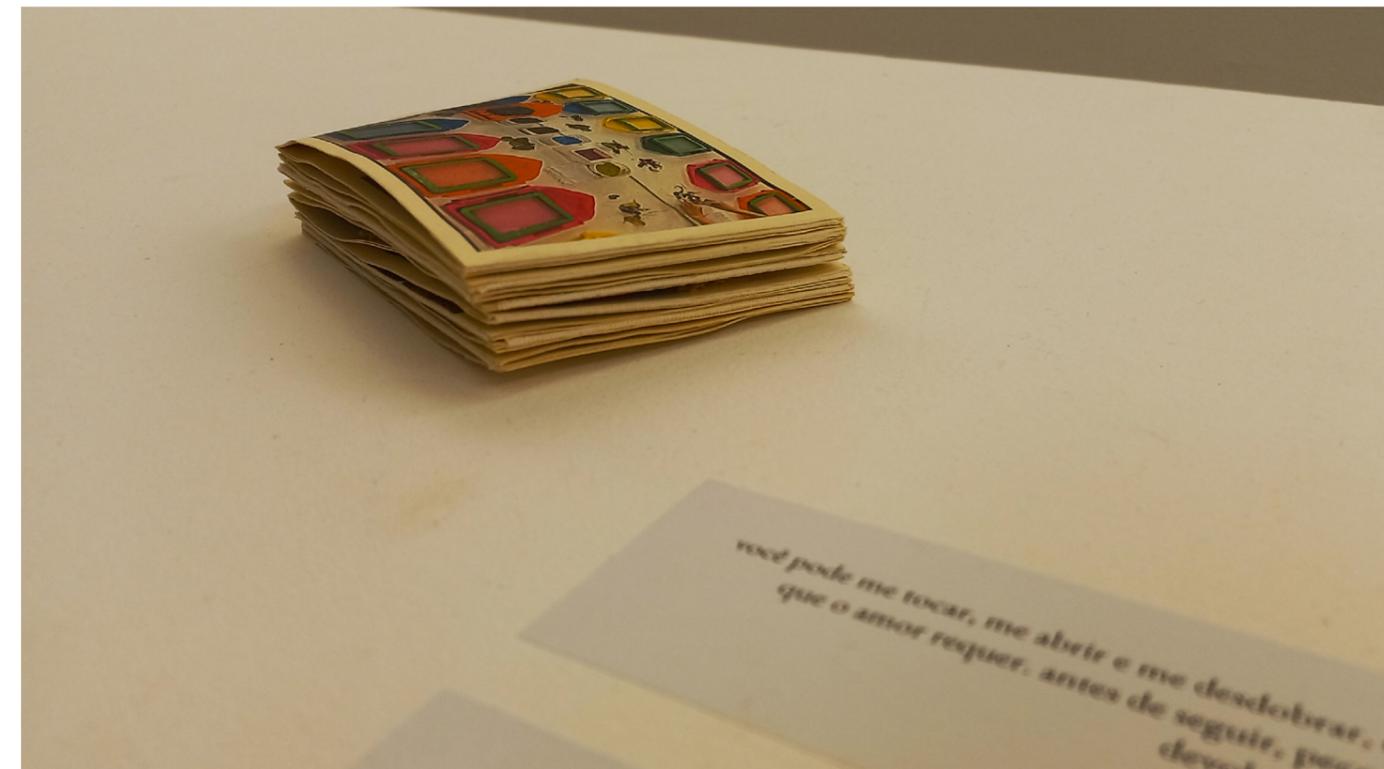


Figura 38: Detalhe das lombadas do livro de artista. Massarelli, Beatriz. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2023.

O livro de artista foi exibido, em união aos papéis produzidos pelos alunos e pelas residentes na exposição “Poesias Visuais: conexões entre saberes”, parte do ciclo de exposições “Experimentais 2023” (Figura 39 e Figura 40). A mostra apresenta as pesquisas desenvolvidas nos Trabalhos de Conclusão de Curso dos alunos do curso de Artes Visuais na Galeria de Artes da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.



Figura 39: Produções dos alunos, Zero Teodoro e Thaís Simão, exibidos na exposição Poesias Visuais: conexões entre saberes. Massarelli, Beatriz. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2023.



Figura 40: Produções dos alunos, Zero Teodoro e Thaís Simão. Massarelli, Beatriz. Fotografia documental. Fonte: Acervo pessoal. 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa focaliza os processos de criação de papel artesanal enquanto trajetórias plurais, de possibilidades múltiplas e distintas em suas singularidades, sejam elas técnicas, procedimentais ou materiais. Compreende-se que as escolhas estéticas e operacionais, realizadas durante as criações de papéis, influenciam na imprevisibilidade dos resultados finais obtidos após a secagem.

Visto que, durante a transfiguração das massas, cuja consistência prévia – caudalosa, moldável e incorporada por pequenos fragmentos de papel – passa a se homogeneizar nos bastidores durante a secagem, a ponto de constituir produtos finais texturizados, repletos de relevos sinuosos, nota-se, através dos estudos de caso, aqui apresentados, que os aspectos visuais das composições igualmente se modificam. A tonalização das massas de papel se esvai com a secagem, os elementos agregados tem sua consistência alterada – dado o contato com a base de papel úmida – e para além disso, as operações de aglutinação, durante o processo de criação, influenciam na intensidade da texturização dos papéis: quando demasiadamente apertada contra o bastidor, a massa de papel, quando seca, manifesta proeminências menos acentuadas.

As especificidades inculcadas nos processos de criação de Guimarães e nas produções desenvolvidas na oficina de papel reciclável aplicada no CIAPD, atravessadas nessa pesquisa, desvelam as implicações dos procedimentos operatórios e das escolhas estéticas desses criadores nas elaborações de seus papéis. A partir desses apontamentos, evidencia-se que, os processos de criação de papel artesanal são envoltos pelas intervenções dos criadores, pelas implicações geradas pela própria materialidade e as casualidades que o perpassam, o que também pode observar nos processos dos alunos na escola.

Ao estudar, experimentar, sentir e observar os processos de

criação de papel artesanal e os produtos de cunho poético gerados a partir de minhas experimentações, pude introduzir, em sala de aula de sexto ano, através do Programa de Residência Pedagógica, a proposta de experimentação prática partilhada e analisada nesta pesquisa. Atesto, a partir da minha experiência com os alunos, o quão imprescindível a exploração de materialidades distintas e específicas se fazem no aprendizado em arte e no processo de formação dos estudantes.

A proposta de experimentação prática instaurada nessa pesquisa permitiu a inserção dos estudantes em uma experiência que valoriza sua intuitividade, a singularidade dos seus processos, suas potencialidades expressivas e suas vozes subjetivas. E, ofertar aos alunos o contato com distintas materialidades possibilita flexibilizar o pensamento, lidar com o novo e o inesperado e ampliar suas possibilidades motoras, expressivas e cognitivas.

A partir de um olhar sensível, pude observar o conhecimento sendo construído pelos estudantes durante suas experimentações práticas com o papel artesanal e através de suas reflexões na roda de conversa. Fosse por meio de acasos, de intenções, ou intuições que derivam de um brincar, o conhecimento em criar papel artesanal foi amplificado na sequência didática, assim como a valorização do olhar dos alunos para o que produziram.

O viés de Pesquisa Viva (IRWIN, 2023²) que a A/r/tografia carrega, permitiu que o direcionamento desta pesquisa se desse por meio das descobertas dos estudantes e dos acasos que a própria materialidade impôs na experiência vivenciada. Observar as operações realizadas pelas crianças e pelas artistas, em suas experimentações, me possibilitou olhar para os processos de criação e as escolhas estéticas tomadas por esses indivíduos e me propuseram a refletir que existem aproximações nos procedimentos operatórios dessas duas figuras, no que concerne suas intuições e intencionalidades. E, me fez compreender que o que as difere, são o conjunto de experiências de vida e os referenciais que as perpassam, os quais

constituem uma bagagem de conhecimento que orienta suas escolhas e lhes consente executar operações com maior consciência.

A construção de conhecimento através da experiência, que parte da metodologia de pesquisa a/r/tográfica e é defendida nesta investigação, tem sua potencialidade revelada nas qualidades estética, composicional, operacional e colaborativa dos estudantes, os caminhos que percorreram em seus processos de criação e em suas reflexões apresentadas na fala e na experiência tátil promovidas na roda de conversa.

Meu olhar, enquanto artista/pesquisadora/professora, voltado à produção dos alunos e às suas reflexões, alimentou os três papéis que envolvem a minha figura nesta investigação e promoveram influências no meu trabalho poético e no que busco fomentar em sala de aula. A construção do aprendizado, concebida entre mim e os estudantes, despontou em afetações que nos atingiram de maneira viva e nos provocam reflexões que instigam um olhar sensível à produção do outro, a valorização do olhar à produção pessoal e a subjetividade dos indivíduos e afloram nossas percepções táteis, analíticas e visuais.

Esta pesquisa exprime contribuições para a Educação Básica ao estimular o uso e a experimentação de outras materialidades em sala de aula, ao valorizar o papel do artista como educador e seu olhar específico, ao dar importância a espaços e materiais diferenciados na escola para ampliação do conhecimento, ao apresentar de repertório de qualidade aos alunos e estratégias para professores e professores em formação em como trabalhar o ensino da arte e possibilitou valorizar, por fim, a produção dos alunos e em conversa coletiva, tornar esse momento uma construção de conhecimentos.

Estar aberta a receber as implicações da pesquisa e as incertezas que configuram a sua vivacidade, afetam, intimamente, minhas percepções e reflexões enquanto arte-educadora em formação e me permitem impulsionar o meu trabalho.

Pretendo dar continuidade a essa pesquisa ao levar novas experimentações para a aula de artes que valorizam a processualidade, a subjetividade dos estudantes e a construção do conhecimento através da experiência. Os desdobramentos dessa pesquisa me instigam a investigar, em minha inserção na sala de aula, a valorização dos espaços da escola e quais ambientes ela oferta para a produção de arte e para a construção de conhecimento através da experiência.

Considerando que, no ensino de arte no Brasil foi fundamentado o conhecimento através da cópia, compreendo a falta da valorização da expressão artística nas escolas enquanto uma realidade que deve ser investigada e questionada. E, a partir da experiência que vivenciei em sala de aula com as crianças e com as artistas, posso afirmar com veemência a importância de se passar por experiências no Ensino Básico que valorizam a subjetividade dos estudantes e lhes promovam a construção de conhecimento por meio da experimentação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIERI, Stela. Processo de criação: educação e arte. In: ALBANO, Ana Angélica; STRAZZACAPPA, Márcia (Orgs.). **Entrelugares do corpo e da arte**. Campinas: FE/UNICAMP, 2011. p. 19-28.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em junho 2023.

DIAS, Belidson. A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: uma introdução. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2023, p. 16-23.

IRWIN, Rita L. A/r/tografia. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2023, p. 24-34.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Campinas: Campus, 1990.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: Blanca Brites; Élide Tessler. (Org.). **Metodologia da Pesquisa em Artes Visuais**. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 123-140.